

# Apresentação

## Dossiê: Jacques Derrida e Mais Além: Disseminações e Desconstrução

A Desconstrução, se é “a” e apenas “uma”, conforme proposta por Jacques Derrida (2001; 2007; 2009), inverte e desloca pares de conceitos metafísicos; subverte a “presença”, trazendo a reflexão sobre o rastro e a espectralidade; gera um descentramento estrutural, demonstrando a instabilidade e a “arbitrariedade” de um sistema supostamente coerente. Tomam uma dimensão muito especial, nas problematizações de Derrida, a linguagem, a língua, a escrita, a literatura, instâncias que impactam o processo de construção das leituras e dos discursos numa perspectiva disseminante e aporética, que permitem a vinda do outro, seu olhar e suas representações. Jacques Derrida tem suscitado estudos em diversas áreas do conhecimento, os quais, cada um a seu modo e aliados a perspectivas teóricas múltiplas, disseminam-se da hospitalidade incondicional ao porvir, da promessa da contínua invenção do Outro à Alteridade, do deslizamento agonístico da Verdade à Ética, à Literatura, à Tradução, à Espectralidade, à Democracia, à Escrita, diferindo e adiando a herança dos textos lidos em outro lugar e em outro tempo.

Nesta chamada da Revista Tabuleiro de Letras, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, acolhemos leituras dos textos de Jacques Derrida, que afirmam a herança recebida e vão mais além, honrando o teórico e dele diferindo, disseminando a descon-

strução e a borrando, num processo de produção de saberes em que o encontro não é com o Mesmo, mas com o Sempre Outro do Outro.

Organizamos a seção “artigos”, buscando construir um diálogo entre os textos e respeitando as aproximações temáticas, contando com três blocos, a saber: inicialmente, trazemos os artigos que dialogam com a escrita/escritura, tradução e literatura, temas que não se separam do que designamos por desconstrução, como um campo teórico e de estudos. Num segundo bloco, apresentamos os textos que promovem a descolonização e a desconstrução de conceitos da tradição como hospitalidade, identidade, democracia, clausura, universalidade e perdão. No bloco final, trazemos dois artigos, um que problematiza o relato autobiográfico, discutindo a relação entre ficção e testemunho, e, por fim e não menos importante, outro artigo que discute a escrita biográfica de Derrida na relação com os seus fantasmas. Neste número, com o intuito de atender a uma ampla diversidade de leitores, contamos com a tradução de um dos textos, **A hospitalidade: desconstruir o conceito, descolonizando o sentido**, de Renan Rocha, que é apresentado na seção “artigos” em sua forma original, e em português, em versão de **Marlie Mariano**, na seção “tradução”.

Abrindo o primeiro bloco, **Jacques Derrida: O verso de tudo que eu escrevo**, de **Danielle Magalhães**, estabelece um diálogo entre textos do filósofo, como *Che cos'è la*

*poesia* (Derrida 2001) e *Feu la cendre* (Derrida 2009), para mostrar como a escrita de Derrida, marcada pela interrupção e o corte, desafia as formas e os gêneros textuais, da mesma maneira que faz transbordar as categorias do pensamento, entre a poesia e a filosofia. Trata-se de leitura inovadora sobre o papel da escrita na obra do filósofo, ao mesmo tempo em que nos apresenta um texto em desconstrução sobre amor e catástrofe.

**Paulo Cesar Silva de Oliveira**, em **O jogo de cena da escritura no Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa: leituras derridianas**, estuda a estrutura da narrativa do romance de Rosa, a partir da concepção de escritura (*écriture*), bem como das considerações do filósofo sobre a instituição literária. Partindo de uma passagem da obra, que trata de uma carta enviada pela personagem Nhorinhá e que somente chega a seu destinatário, Riobaldo, quando já é tarde demais, discute a questão do evento e do acontecimento, associando-a ao que designa como “metáfora escritural”, que regula um pensamento sobre a escrita, em geral, e sobre a escritura literária, em particular.

**Aryadne Bezerra de Araújo e Élica Paulina Ferreira**, no artigo **Escrever, ferir, traduzir: o corpo-a-corpo da escrita entre Memórias do cárcere e Memóires de prison**, tratam da marca da violência inscrita no corpo, perceptível no testemunho do cárcere de Graciliano. As *Memórias* se apresentam, dessa forma, como rememoração do acontecimento de irrupção das chagas no corpo, que se oferece como escrita da violência da lei e do Estado. As autoras mostram a existência de um elo entre a lei coercitiva e a língua, fazendo referência à violência da qual trata Derrida (1986, 1992, 2007), ao rasurar sua trama. Mais ainda, da *bléssure* que surge na escrita no momento da tradução do trauma para a linguagem. *Bléssure* que é intensifica-

da na passagem da obra para o francês, já que as opções dos tradutores fazem irromper, do relato de Graciliano, outras significações e feridas, reforçando o trauma do texto original e, simultaneamente, submetendo-o a nova violência.

Em **Uma estranha instituição: novas vozes e os caminhos da crítica literária contemporânea, Claudiana Gois Santos e Ariadne Catarine Santos** especulam sobre os conflitos entre as noções de gêneros textuais/ literários e gêneros sexuais a partir do texto *A lei do gênero* (DERRIDA, 2019) e das políticas do corpo pensadas por alguns segmentos da crítica literária. Traçam um paralelo entre o “falatório” de Stela do Patrocínio e os escritos de Tatiana Nascimento, que servem como meios reflexivos para o debate do lugar da Literatura enquanto instituição. Nele, a Literatura não aparece apenas como espaço de libertação, mas também de reprodução de estereótipos, como demonstram os estudos realizados por Regina Dalcastagnè (2012, 2018) sobre a crítica brasileira contemporânea e a produção literária. As autoras ressaltam, ainda, em consonância com Lorde (2019) e em diálogo com bell hooks (2019), a necessidade de pensar novos modos para o discurso da crítica literária que atuem a partir da compreensão de elementos como raça, classe e gênero.

Dando início ao segundo bloco de artigos, **Alexandre de Oliveira Fernandes**, em **Identidade conservadora sob o rastro da Desconstrução**, propõe rasurar a categoria identidade, fazendo uma crítica à diferença ontológica, rígida, hiperbólica e, muitas vezes, cínica. Também num gesto desconstrutor, afirma a urgência de se combater toda possibilidade de privilégios. Para o autor, a identidade só encontra o seu devir se for úmida, erótica, mestiça, em *différance*.

Em **L'hospitalité: déconstruire le concept, décoloniser le sens**, Renan Rocha discute como uma abordagem aporética da questão da hospitalidade remete à ruptura do "conceito". Segundo o autor, devido à construção de um campo homogêneo de "sentido" e à homogeneidade do próprio conceito, sua perspectiva monolíngue, entendida como colonização e como produção da unicidade de seu próprio sentido, parece não abrir nenhuma possibilidade ambivalente, ao transbordamento como perspectiva da desconstrução. Se a desconstrução da homogeneidade do conceito é central porque abre outras perspectivas, outros significados e conceitos, é precisamente esta abordagem que a hospitalidade assume: uma desconstrução do "conceito" e uma descolonização do "sentido". Assim, se para Derrida a hospitalidade é tida como tema de seu pensamento, é porque sua injunção constitutiva, sua relação com o próprio conceito é aporética, intrinsecamente ambivalente e disruptiva. A abertura do "conceito" é a hospitalidade.

**Francielly Baliana**, no artigo **Clausura: universalidade desconhecida**, parte da situação do confinamento provocado pela pandemia de covid-19 para relacioná-la com a clausura textual e refletir sobre as manifestações possíveis dos saberes produzidos pelo enclausuramento. Passeando por diversos textos de Derrida, de outros autores, e questões sobre a universidade, a literatura, a condição humana, o texto mescla discussões acerca da clausura com uma escrita subjetiva, num jogo entre subjetividade e objetividade, entre o eu e o outro, agregando diferentes contornos à discussão.

**Hector Ariel Lugo**, em **La democracia entre lo catastrófico y lo monstruoso**, argumenta que o catastrófico e o monstruoso são sempre temidos e excluídos por serem

desconhecidos, marginalizados e associados à perdição, à maldade e ao advento de penúrias. Derrida, no entanto, aponta que esta recusa é motivada por um gesto político que busca manter a ordem, o poder e o controle, busca estabelecer hierarquias. Ainda nessa chave política, seria justamente pelo catastrófico e o monstruoso que se poderia ampliar as margens da democracia numa abertura ao completamente outro, ao desconhecido, na proposição de uma democracia por vir.

**Felipe Amancio**, em **O difícil e o impossível: o perdão segundo Ricoeur e Derrida**, apresenta o último debate travado entre Paul Ricoeur e Jacques Derrida, no qual versam sobre a questão do perdão. Esta prática de origens religiosas, das religiões abramícas, é discutida por esses filósofos a partir das tentativas de institucionalizá-la no âmbito laico, ressaltando os impasses e paradoxos que isso acarreta. Na primeira seção do artigo, apresenta as considerações de Ricoeur, segundo o qual o perdão não é nem fácil, nem impossível, mas difícil, e se direciona às profundezas da culpabilidade; já na segunda seção, justapõe as considerações de Derrida para quem só há perdão do imperdoável, e o perdão é da ordem do impossível. Tal debate não se limita à mera querela filosófica, mas diz respeito a questões políticas, diplomáticas e institucionais ao ressaltar o problema ético da exigência de perdão.

No terceiro bloco e fechamento à seção "artigos", destacamos dois textos que trazem leituras sobre o relato autobiográfico, sobre a escrita biográfica e os espectros de Derrida. No primeiro, **Carlos Mario Fisgativa**, com **El relato autobiográfico, entre ficción y testimonio**, propõe explorar o nexo entre testemunho, autobiografia e literatura, bem como a indistinção entre o relato testemunhal e a ficção poética. O autor aponta que

no texto *Demeure* (1998), em que Jacques Derrida comenta *O instante de minha morte de Blanchot* (2003), o filósofo mostra que não é possível a distinção completa entre o registro do relato, da autobiografia e do testemunho. O autor defende que, uma vez que o escrito de Blanchot tem a ver com o fato de que a atestação tem uma relação complicada com a ficção, seus limites se contaminam dando vez à indecidibilidade entre o autobiográfico e o heterotanatográfico, entre o performativo e o constativo. Todas essas formas de relato recorrem a procedimentos comuns como a narração, a promessa de ser verossímeis, de poder repetirem-se; também, por sua vez, são discursos em “primeira pessoa” que falam de uma experiência ou de si mesmos. Em consequência, para o autor, o sujeito que se narra, a voz que enuncia é um efeito que se produz pela narração ou a própria atestação.

**Andreia Marin, em Palavras-imagens, escrita biográfica e os fantasmas de Derrida**, motivada por um olhar de Derrida,

“que parecia ver sem ser visto”, em *D’ailleurs Derrida*, discute os conceitos de fonocentrismo, mal de arquivo e espectralidade, a partir das obras *Gramatologia* (2003), *Mal de Arquivo* (2001) e *Espectros de Marx* (1994), com o objetivo de refletir sobre até que ponto a escrita, em especial a escrita biográfica, é permissiva aos espectros ou possibilita seu apagamento. Ao final, enfatiza a questão sobre a intenção do autor que escreve, de garantir a permanência de sua própria existência ou de apontar incansavelmente para o que permanece refratário à síntese analítica e histórica e à tendência ao arquivamento.

Agradecemos ao Editor, Prof. Ricardo Freitas, e toda a sua equipe pelo acolhimento do dossiê e pelo trabalho criterioso. Também, do mesmo modo carinhoso e em reconhecimento, agradecemos a todos os autores e todas as autoras pelas leituras inovadoras, que, temos a convicção, contribuirão para a consolidação dos estudos derridianos e suas interfaces no Brasil.

Alexandre de Oliveira Fernandes (IFBA)

Élide Ferreira (UESC)

Cláudia Camardella Rio Doce (UEL)